

# ENTRE O REX E O BASILEUS: A CIRCULAÇÃO NO EXERCÍCIO DO PODER ENTRE O OCIDENTE E O ORIENTE TARDO-ANTIGOS

Renato Viana Boy

A tradicional estrutura de ensino e pesquisa em História tende a compartimentar áreas de estudo em divisões didático-pedagógicas que visam facilitar a compreensão dos temas tratados. Podem ser divisões temáticas, como história das religiões, política, econômica ou cultural. Ou recortes cronológicos, como História Antiga, Medieval, Moderna ou Contemporânea. Ou ainda definições geográficas, como a tradicional separação entre Oriente e o Ocidente. Entretanto, acreditamos ser possível revisitar essas divisões acadêmicas e problematizá-las a partir da seguinte reflexão: as sociedades medievais, que dividimos entre ocidentais e orientais, mantinham algum tipo de relação entre si? Essas relações reforçavam as distâncias entre elas, ou de alguma forma, haviam possibilidades de aproximações?



Mosaico San Vitale.

A chave teórico-metodológica para verificar essas relações está fundamentada na atual perspectiva da História Global ou da História Conectada. Trata-se de pesquisar sobre as relações e contatos que diferentes sociedades do passado travaram entre si e tentar compreendê-las. Para exemplificar essas relações, apresentamos aqui uma breve reflexão.

Didaticamente, somos apresentados ao período medieval como tendo sido iniciado no século V, com a chamada “Queda do Império Romano do Ocidente”, em 476. Embora essa própria transição entre um período de antiguidade e medievo seja há muito objeto de debates e revisões, destacamos aqui que, no ensino da História, a partir do período que conhecemos por Idade Média, percebemos a

---

BOY, Renato Viana. Entre o Rex e o Basileus: a circulação no exercício do poder entre o ocidente e o oriente tardo-antigos. *Entre oriente e ocidente*. In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>

formação dos chamados ‘reinos bárbaros’ na Europa do Ocidente, enquanto o oriente grego manteve a estrutura imperial romana até o século XV, sendo posteriormente chamado de Império Bizantino. Neste cenário de separação entre os reinos ocidentais e o império oriental, as relações e conexões ainda existiam? Vejamos um exemplo.

O historiador bizantino do século VI, Procópio de Cesareia, no livro *História das Guerras*, nos relata que Teodorico, rei ostrogodo, teria sido não somente apoiado, mas mesmo sustentado pelo imperador Zenão, de Constantinopla, na sua missão de derrotar o hérulo Odoacro, responsável por conduzir a deposição de *Romulus Augustulus* e tomar o poder na Itália. Mais do que isso, as relações entre o governo ostrogodo e o bizantino (e não exclusivamente entre as figuras de Teodorico e Zenão) mantiveram uma relação que Averil Cameron avaliaria como um tipo de “patronato”, ou seja, uma relação entre duas estruturas de poder politicamente distintas, mas que mantinham além de uma aproximação diplomática, também uma distinção nos níveis de autoridade exercidos pelos dois governantes. Segundo Procópio, o *Basileus* do império estaria num nível de autoridade superior ao *rex* não-romano, sendo estas autoridades políticas distintas (ver, por exemplo, *História das Guerras*, V.i.26). Jordandes, outro historiador do século VI, reforça essa imagem de que não apenas havia uma relação política entre os governos do Império, em Constantinopla, e dos godos, na Itália, como também demonstra haver entre eles um tipo de submissão do governante godo ao bizantino (*Getica*. LIX, 304).

Na historiografia atual, trabalhos como o de Roger Scott afirmam que a conhecida guerra de Justiniano contra os godos, narrada por Procópio de Cesareia nas *Guerras*, não teria como motivação uma busca pela “reconquista”, como a historiografia consagrou por décadas. Diferente disso, o estopim para o início dos conflitos teria sido justamente o assassinato da regente goda, e protegida do imperador, Amalásunta em 534. Na perspectiva imperial, esse acontecimento teria significado uma ruptura das relações de aliança entre os governos de Constantinopla, no oriente, e da Itália, no ocidente latino.

O que cabe ressaltar desta breve exemplo é que, a partir de uma perspectiva da história conectada, percebemos que espaços medievais tradicionalmente marcados como distantes ou mesmo antagônicos, mantinham sim relações políticas e diplomáticas, favorecendo a formação de espaços de circulação e trocas, fossem elas de objetos, práticas culturais ou mesmo de pessoas. Em outras palavras, as conexões e circulações abrem um caminho com novas e promissoras possibilidades de pesquisas em História Medieval, incluindo temáticas cujas abordagens historiográficas, à primeira vista, não nos mostrem uma possibilidade clara de aproximações, como no caso do Império Romano do oriente, ou Império Bizantino, e o reino godo na península itálica dos séculos V e VI, períodos tradicionalmente conhecidos pela chamada “Queda de Roma no Ocidente” e das “Guerras de Reconquista” do imperador Justiniano.

### **Para saber mais**

CAMERON, Averil. *Procopius and the Sixth Century*. Londres: Duckworth, 1996.

SCOTT, Roger. *Byzantine Chronicles and the Sixth Century*. Londres: Variorum/Asghate, 2012.

MAAS, Michael. *Age of Justinian*. Cambridge, 2005

---

BOY, Renato Viana. Entre o Rex e o Basileus: a circulação no exercício do poder entre o ocidente e o oriente tardo-antigos. *Entre oriente e ocidente*. In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

---

<https://sacralidadesmedievais.com/>